

Brodowski: arte, abacaxi...

Nome difícil de pronunciar mas, fácil de lembrar. É uma homenagem ao engenheiro polonês Alexandre Brodowski, inspetor geral da Cia. Mogiana que atendeu o pedido de fazendeiros da região para construir uma estação ferroviária onde hoje está a cidade. A cidade, famosa por ser a terra natal de Cândido Portinari, é também conhecida nacionalmente como a Capital Brasileira do Abacaxi. Da produção áurea nos anos 70, sobrou a fama. Hoje a cidade não produz comercialmente nenhum abacaxi, mas possui um entreposto de venda da fruta, onde produtores de várias partes comercializam sua produção. As caminhonetes, com placa de Brodowski, saem pelo Brasil afora vendendo a fruta. A “grife” ajuda a vender e gera cerca de 800 empregos, entre motoristas e auxiliares de venda.

A produção rural sempre foi o impulsionador do desenvolvimento. Hoje a produção é responsável por 30% da arrecadação municipal. Outro fator importante na geração de emprego e renda é a concentração de pequenas confecções. Cerca de 2.000 costureiras atuam na cidade. O comércio é fraco, devido à proximidade com Ribeirão Preto, mas as indústrias são sólidas. Da cidade saem mensalmente 4 milhões de produtos para o tratamento de cabelos. A empresa Gota Dourada, na cidade desde 1996, não pára de crescer e é conhecida em todo país. A indústria de Bebidas Fabbri existe desde antes da fundação de Brodowski. Foram os imigrantes, que vieram para a região para colher café, que definiram o rumo que a cidade tomara. O casal Fabbri, que não se adaptou à colheita, começou a produzir cerveja de alta fermentação sete anos antes do surgimento da cidade. Hoje a indústria produz 26 produtos diferentes e continua investin-



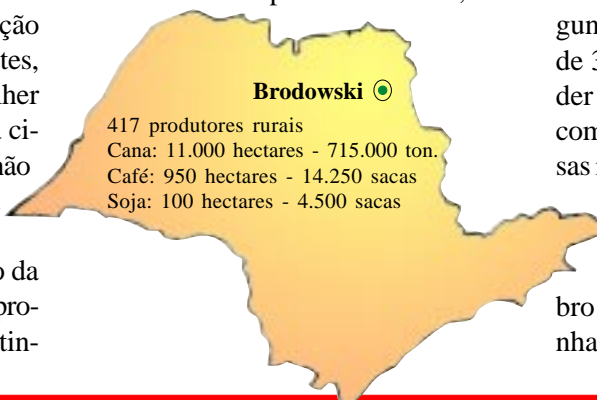
Museu Casa de Portinari

do. Os pais de Cândido Portinari também chegaram a região, vindos da Itália, para colher o grão. O artista nasceu em uma fazenda de café e morou até os 15 anos em Brodowski, para onde sempre voltava para se reciclar, mesmo depois de famoso. As “coisas do interior” foram temas recorrentes em seu trabalho, quer na representação de plantações ou de trabalhadores do campo.

A aposta da cidade para o crescimento é a arte. Existe muito a ser feito em infra-estrutura em todas as áreas: água, iluminação, esgoto, asfalto, saúde e educação. A prefeitura acredita que se a cidade for considerada “estância turística”, além de receber mais repasse de verbas, as

obras que vierem a ser feitas em função do turismo beneficiarão toda a população.

A maior expectativa é o “Parque Cultural Cândido Portinari”, um projeto que tem apoio do filho do artista, João Cândido, que se empenhou pessoalmente para que o arquiteto Oscar Niemeyer, amigo do pintor, projetasse o parque que será construído na fazenda onde nasceu Portinari. O projeto depende de apoios financeiros que estão sendo providenciados. Se tudo der certo, a obra terá além de um memorial, onde estarão as cinzas do artista, um centro de convivência, um campus com uma escola de artes que abrigará um grande acervo de Portinari. Atualmente, segundo a prefeitura da cidade, cerca de 380 obras do pintor estão em poder do Banco Central. Foram dadas como pagamento de dívidas de diversas instituições financeiras. Estão longe do público e, por isso, a intenção é levá-las para a terra do artista, que no dia 29 de dezembro faria 100 anos. A cidade quer ganhar este presente.



Agro**negócio** é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 623-2326 e 620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abag_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.500 exemplares



A arte de manter uma tradição

Entrar na Tanoaria Santo Antônio é voltar no tempo. O trabalho é feito praticamente como há 60 anos, quando os irmãos Oliveira começaram a construir tonéis para transportar água para a “roça”. A tradição vem sendo preservada. Os dois irmãos ainda estão à frente do negócio, ao contrário de Portugal, berço da tanoaria, onde já estão sendo construídos tonéis de concreto revestidos de parafina.

O começo dessa história tem outros personagens. Um casal de imigrantes veio trabalhar em uma fazenda perto de onde esta hoje a cidade de Brodowski. Como não se adaptaram ao trabalho, pediram ao dono da fazenda para fabricar cerveja de alta fermentação (sem álcool). O negócio deu certo. Quando a cidade nasceu o casal Fabbri já tinha a primeira indústria da cidade, mas com a instalação de uma cervejaria em Ribeirão Preto, os Fabbri mudaram o rumo do negócio. Passaram a produzir bebidas alcoólicas que eram vendidas em tonéis, o português, Salvador Sá Pinto, mestre em tanoaria instalou-se na cidade para construir estes tonéis.



Seu Geraldo: há mais de 60 anos fabricando tonéis

Pouco depois o governo brasileiro proibiu a venda de bebidas alcoólicas em tonéis e ele desistiu do negócio, mas deixou uma profissão para os irmãos Oliveira.

Com o início da guerra em 1939, época de desemprego e recessão, os irmãos começaram o trabalho. Além dos tonéis para água, começaram a produzir tinas para o banho, pois a importação de bacias foi proibida. Foi a guerra que fez com que a empresa se “modernizasse”. O irmão mais novo, Mário, hoje com oitenta anos, serviu o exército e trabalhou na fábrica de armas em Itajubá. Curioso, ficava imaginando como usar aquelas máquinas na fabricação dos tonéis. Com o fim da guerra colocou as idéias em prática e foi construindo máquinas que facilitaram o tra-

balho, ainda hoje semi-artesanal, apesar das 52 máquinas que são usadas até hoje no processo.

A fábrica produz 95 tonéis por dia, cerca de mil por mês, que são vendidos para todo o Brasil, de norte a sul. São 12 modelos de diferentes tamanhos e formas. Os 10 funcionários são apaixonados pelo que fazem. Alguns aprenderam o ofício ainda meninos, a maioria trabalha há mais de vinte anos na Santo Antônio. A matéria prima usada é o carvalho, comprado de empresas que importam o malte e usam os tonéis por um determinado tempo e os vendem para serem reutilizados. Como alternativa nacional a castanheira foi pesquisada em universidades e aprovada para envelhecer a cachaça, hoje o maior mercado para os tonéis.

Seu Geraldo lembra que a tradição ainda se mantém na cidade. Outras duas tanoarias funcionam em Brodowski, mas no Brasil o número não chega a dez.

A Tanoaria Santo Antônio, instalada na mesma rua do Museu Casa de Portinari, recebe também muitos visitantes interessados em conhecer a arte de fazer tonéis. Todos são sempre muito bem recebidos. Seu Geraldo, o irmão mais velho, de 82 anos, está sempre pronto a mostrar sua arte, mostrar como é simples e rápido curvar a madeira, revelando o segredo de que a queima é que transfere o aroma da madeira para a bebida. É assim que o interior mostra sua força, unindo tradição e empreendedo-



ASSISTA OS FILMETES DA “CAMPAÑA DE VALORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DO AGRONEGÓCIO”

www.abagr.org.br

Cooperativa: caminho para a inserção



A doutrina cooperativista existe há mais de 300 anos. A primeira cooperativa da qual se tem registro, surgiu na Inglaterra (1844) como resultado da união de trabalhadores da indústria têxtil, para enfrentar as dificuldades advindas com a Revolução Industrial. Os 28 tecelões de Rochdale abraçaram o cooperativismo como instrumento fundamental da organização da sociedade, da ajuda mútua. O cooperativismo se espalhou pelo mundo como alternativa econômica que não visa o lucro, mas o bem estar da coletividade. Tão atual como no século 19, as turbulências econômicas vêm aumentando ainda mais o gap social, e o cooperativismo representa, com sua doutrina que visa promover o social através do econômico, um caminho seguro para o desenvolvimento, gerando renda e empregos.

Nunca na história do país um Presidente da República falou tanto sobre cooperativismo e suas vantagens para a população. O Brasil despertou para a importância da organização cooperativa como forma de inclusão do indivíduo. O ministro Roberto Rodrigues lembra que o cooperativismo tem um papel estruturante, que pode ser um aliado muito importante para reduzir o abismo econômico e social que, em todo o mundo, separa os ricos dos pobres, uma vez que o cooperativismo é o braço econômico da organização social.

Ramos do cooperativismo

1. Agropecuário
2. Consumo
3. Crédito
4. Educacional
5. Especial
6. Habitacional
7. Infra-estrutura
8. Mineral
9. Produção
10. Saúde
11. Trabalho
12. Turismo e lazer
13. Transporte

O supervisor do Denacoop, Departamento de Cooperativismo e Associativismo Rural do Ministério da Agricultura, José Roberto Ricken, em recente entrevista à revista Gestão Cooperativa, falou sobre a função das cooperativas e sua diferença do assistencialismo: "O assistencialismo dá recursos financeiros e materiais para que a pessoa sobreviva. O cooperativismo, ao contrário, organiza as condições necessárias para que o cidadão provenha seu próprio sustento, operando em conjunto, reunindo os recursos próprios e os da sua comunidade".

O atual Governo manifestou interesse em transformar o Brasil no maior país cooperativista do mundo, o que ainda está longe de ser realidade. No mundo são 800 milhões de cooperativistas, que somados aos seus familiares e agregados representam 40% da população mundial. Segundo dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), o Brasil possui 7.549 cooperativas singulares e 81 cooperativas centrais, reunindo cerca de 5 milhões e 300 mil cooperados nos treze ramos hoje cadastrados, cerca de 8% da população. As cooperativas geram 171 mil empregos diretamente e tem 6% de participação no PIB.

Nas cooperativas agropecuárias a revolução gerencial fez com que o cooperativismo deixasse de ser visto como um modelo inferior ao das empresas ditas capitalistas. Em busca da competitividade, o "paternalismo" associado ao cooperativismo deu lugar ao profissionalismo.

As cooperativas agropecuárias desempenham também um papel importante no atual cenário do agronegócio brasileiro: 24% da produção nacional de grãos, ou 28 milhões de toneladas são produzidas por elas; assim como 40% do leite recolhido no Brasil, cerca de 5 bilhões de litros. As 1624 cooperativas agropecuárias faturam por ano R\$ 35 bilhões.

No ano passado o sistema como um todo cresceu, em média, 20% em todo o país e conseguiu, com sucesso, a inserção do pequeno produtor no mundo

globalizado, modernizando-se e apostando na agregação de valor.

Na região de Ribeirão Preto seis cooperativas agropecuárias e agroindustriais estão ligadas à ABAG/RP. Como a cooperativa está presente nas mais diversas etapas do processo produtivo, é parte fundamental do agronegócio. Não é por acaso que a região é pólo de de-

Cooperativas associadas à ABAG/RP

Carol - Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia

Cocapec - Cooperativa dos Cafeicultores e Agropecuaristas (Franca)

Cooperativa Central Leite Nilza - Central que engloba Coonai, Coasa, Coopercaro e Casmil (Ribeirão Preto)

Copercana - Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo (Sertãozinho)

Coopercitrus - Cooperativa dos Cafeicultores e Citricultores do Estado de São Paulo (Bebedouro)

Coplana - Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba

envolvimento. A ação das cooperativas, socialmente vocacionadas, profissionalizadas, empreendedoras e competitivas, ajudou a alavancar a privilegiada situação que desfruta toda a região. O título de Capital Brasileira do Agronegócio é resultado da perfeita combinação entre diversificação e competência produtiva e gerencial.

Economicamente estas cooperativas representam muito para a região. Geram cerca de 4 mil empregos diretos e recolhem milhões de reais em impostos, que acabam se transformando em educação, saúde, cultura, saneamento básico, etc em diversas cidades.

Os quase 22 mil cooperados das seis cooperativas associadas à ABAG/RP são em sua maioria, como nas demais regiões do país, pequenos e médios produtores, que além da assistência técnica têm mais facilidades na aquisição de insumos, acesso a estudos de viabilidade econômica, armazenagem, industrialização e comercialização. Na cooperativa não existe "lucro", as "sobras" são distribuídas entre os cooperados, na proporção da movimentação de cada um com a cooperativa. Somente as 50 maiores cooperativas do Brasil distribuíram entre seus cooperados, em 2002, cerca de R\$ 1,1 bilhão.

Sete princípios da doutrina cooperativista

1. Adesão voluntária e livre
2. Gestão democrática
3. Participação econômica dos membros
4. Autonomia e independência
5. Educação, formação e informação
6. Intercooperação
7. Interesse pela comunidade

Está na região de Ribeirão Preto a maior cooperativa de crédito do Brasil, a Credicitrus- Cooperativa de Crédito Rural Coopercitrus, com 6.200 cooperados. A Credicitrus cresceu 47% entre 2001 e 2002, consolidando sua posição de maior e mais diversificada carteira de crédito do segmento cooperativista. Seu ativo atingiu R\$ 256.672.258,00 em dezembro de 2002. Isto significa também maior atividade da Coopercitrus, que nasceu em Bebedouro, interior de São Paulo, e hoje atua em outros quase 60 municípios do Estado, além de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins.

As mudanças anunciadas para o cooperativismo de crédito, autorizando, entre outras coisas, a formação das cooperativas pela livre associação, vai permitir que a cooperativa esteja a serviço de uma comunidade e não mais de uma categoria. O objetivo é alavancar o crédito no país para as pessoas de baixa renda, trabalhadores, micro e pequenos empresários. Esta decisão pode representar o desenvolvimento de muitas comunidades, uma vez que no Brasil cerca de 1.600 municípios não possuem agência bancária (29%) e aproximadamente 1.400 possuem apenas um posto bancário (25%). Cerca de 40 milhões de brasileiros das classes média e baixa não possuem conta em banco.

Nos países desenvolvidos as cooperativas de crédito têm papel estratégico de crescimento, representando: 20% do mercado na Alemanha, 28% na Itália e 45% na Espanha.

O cooperativismo brasileiro tem ainda um longo caminho a percorrer. Os desafios são imensos. Ele é a ferramenta da inclusão num país onde ainda há muito a ser feito.

Números do Cooperativismo de Crédito Brasileiro

1. Cooperativas em funcionamento: 1.452
2. Associados: 1,6 milhão
3. Ativos: R\$ 12 bilhões
4. Patrimônio líquido: R\$ 2,6 bilhões
5. Depósitos: R\$ 7 bilhões
6. Operações de crédito: R\$ 4,6 bilhões (1,5% do total do sistema financeiro)
7. Postos de trabalho diretos: 20 mil
8. Taxa de juros: 2,25% (média); 4% (máxima)

Fonte: BACEN (Abril 2003)

Editorial

Um brinde ao cooperativismo brasileiro

O cooperativismo brasileiro é rico em exemplos de competência produtiva e de relevância social. Ele representa uma plataforma sólida sobre a qual o poder local é fortalecido e, com suas ramificações, abrem-se diferentes caminhos que levam ao desenvolvimento nacional.

O seu incrível potencial social e econômico, ainda em estado de dormência no Brasil, cai como uma luva diante dos anseios do Governo, que tem como desafio a melhor distribuição de renda, a geração de empregos, a segurança alimentar, a preservação ambiental e o bem-estar das pessoas. Mas em busca da necessária autogestão, é sempre bom lembrar que as relações com o Estado devem ser de parceria e não de dependência.

A força do movimento, regido por princípios mundialmente aceitos, está centrada na integração entre os seus diversos ramos. Mas apesar de trazer soluções para os

principais problemas da atualidade, apenas uma pequena parcela da população está engajada ao sistema cooperativista, por duas razões principais: a falta de investimentos na formação de recursos humanos e a obsolescência da lei cooperativista, que data de 1971.

O Sescop surgiu como resposta ao primeiro problema, e o recente anúncio da criação de uma "força tarefa" interministerial que proporá alterações para atualizar a lei das sociedades cooperativas, certamente mudarão o panorama da organização social no Brasil.

Com uma boa dose de participação e comprometimento, esta extraordinária e tricentenária doutrina evoluirá no Brasil, trazendo respostas diretas aos problemas das pessoas, e, então, o espírito associativo será uma realidade entre dezenas de milhões de brasileiros.

Mônica Bergamaschi

